

ROBOCOP: ENTRE O ARBÍTRIO ROBOTIZADO E A LIBERDADE HUMANA



Robocop: entre o arbítrio robotizado e a liberdade humana

Um *Academiczine* científico-literário-imagético de
Gazy Andraus. #1
2023-2024



Fig. 1: Capa do gibi Aventura e Ficção. Ed. Abril. Fonte: arquivo pessoal, 1987.

Apresentação

Acadêmico-zineira

O meio acadêmico tem uma produção pulsante, e no Brasil isto tem sido cada vez mais perceptível. A área de pesquisa acerca dos quadrinhos (e zines) tem se ampliado, e muito, desde há mais de duas décadas para cá.

O problema é que a academia se porta também de maneira entrópica. Poucos leem o que é produzido, restringindo-se a seus pares e em muitos países as publicações são cobradas em seus acessos. Isso confronta uma visão em que o conhecimento deveria ser partilhado, inclusive para combater a pobreza, miséria, a fome e mesmo a expandir a arte e cultura. Para tal, já há algumas plataformas como o Creative Commons

(<https://creativecommons.org/>) e o Sci-hub (<https://sci-hub.se/>), este criado em 2011 pela pesquisadora Alexandra Elbakyan, que aos 22 anos de idade lançou a plataforma, em 2011: "Como muitos estudantes no Cazaquistão, ela não dispunha de dinheiro para acessar artigos protegidos por paywall, em que os leitores são submetidos a sistemas de pagamento de taxas ou assinaturas" (<https://revistapesquisa.fapesp.br/o-efeito-sci-hub/#:-:text=A%20criadora%20do%20Sci%2DHub,pagamento%20de%20taxas%20ou%20assinaturas>)

Apesar de toda a celeuma e alguns processos de entidades contra o Sci-UB seu *site* segue firme e a autora se tornou pesquisadora e "desenvolveu um interesse em transhumanismo, o que a levou a um estágio de verão no Instituto de Tecnologia da Geórgia, nos EUA, onde estudou "neurociência e consciência" (https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexandra_Elbakyan) e.

Assim como Alexandra, mais pessoas abalizadas trabalham em prol a facilitar tais acessos, como no Brasil, Henrique Magalhães, que tem esta visão mais aberta e mantém seu incrível site sendo uma biblioteca/gibiteca/fanzinoteca: o Marca de Fantasia

(<https://www.marcadefantasia.com/index.html>) !

Eu, aqui, como trabalho com autorias de HQs e zines (e pesquisas idem), venho percebendo que a área acadêmica é similar ao fanzinato neste aspecto: a produção atinge poucos e em nichos.

Nos fanzines, a tônica é a liberdade e desobrigação de ter lucros.

Assim, ao reler um de meus artigos, especificamente este sobre o filme Robocop, achei-o interessante para ser melhor divulgado, e então tive a ideia de fazê-lo circular também como um "(fan)zine". Nele, trago conceitos interessantíssimos, como os de Isaac Asimov acerca de robôs, andróides, monstros e golens, que se encaixam com a trama ficcional-científica do filme Robocop (que teve duas versões e uma HQ), além de eu trazer a discussão com a filosofia e ciência tendo expoentes como Huberto Rohden, Fritjof Capra, Amit Goswami dentre outros.

Desta feita, tentarei fazer o mesmo, depois, com alguns outros artigos meus acadêmicos, mas lembrando que no(s)s zine(s) eu não inserirei o(s) artigo(s) completo(s), e sim, partes essenciais ou iniciais dele (incluindo os subitens, mas apenas partes deles. A indicação aqui [...] significa que o restante do texto está no artigo completo, cujo *link* está presente no *academiczine*) com algumas imagens, de forma a que o leitor, instigado, acesse o artigo completo gratuitamente também.

Mais uma observação: originalmente este meu artigo foi apresentado num evento acadêmico, e depois atualizado para uma revista acadêmica (a Imaginário!), cujos links estarão neste *academiczine*.

Um detalhe último: os fanzines (e/ou zines, artzines, biograficzines etc) são conhecidos por serem totalmente livres de censuras, limitações de mercado etc. Ainda assim, apesar de artigos acadêmicos seguirem normas (como as da ABNT, no Brasil), estando eu envolto na área de artes e comunicações e tentando sempre a divulgação científica livre, quero pensar que esta “nova” categoria de zines que criei (*academiczines*) pode se mostrar promissora conquanto à justificativa que usei neste texto pré-introdutório ao zine, em que o principal é o livre acesso ao conhecimento, idéias e artes, e eis aqui que este “zine acadêmico” quer contribuir nesta condição!

E é assim que espero que o apreciem*.

Gazy Andraus (set.2023 – jan.2024)

yzagandraus@gmail.com ; Parceiro da Marca de Fantasia:

<https://www.marcadefantasia.com/parceiros/parceiros.html>

*Artigo ora revisado e modificado originalmente apresentado no II Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial - ASPAS em setembro de 2014 dentro do Congresso Internacional das faculdades EST em São Leopoldo-RS (<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso>), e depois atualizado para a revista acadêmica Imaginário! n. 15, de onde este texto inteiro foi retirado resumidamente para este *academiczine*. *Link*: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario11-20/imaginario15/3-gazyandraus.pdf>

Resumo do artigo

A cultura pop permite reflexões acerca da natureza humana e a tecnologia numa apreensão maior na condução da vida. Esse artigo expõe como exemplo o filme Robocop, no qual o policial Alex Murphy é assassinado por criminosos e reutilizado como um robô policial, mas que aos poucos recobra sua memória e resgata seu livre arbítrio, insurgindo -se contra a corporação corrompida. No filme original há ironias críticas acerca das mídias, da corrupção na polícia e política, o autoritarismo, e principalmente a questão filosófica do livre arbítrio e o embate entre o humano e o robotizado. Este artigo aborda também a refilmagem de Robocop e considera para melhor desenvolvimento a classificação de conceitos para robôs e ciborgues por Isaac Asimov e o livre-arbítrio discutido por Huberto Rohden, concluindo com a questão da perda do humano para a tecnologia, ou seja, a hipertrofia do tecnicismo e a atrofia do humanismo, metaforizados no filme.

Palavras-chave: Cultura Pop, Filme, Metáfora.



Fig.2: Capa do filme em dvd
Fonte: arquivo pessoal,

Considerações Iniciais

RoboCop: um ciborgue, máquina, herói e/ou humano?

RoboCop é um filme norte-americano dirigido em 1987 por Paul Verhoeven, e retrata uma ficção científica que decorre num futuro próximo na cidade de Detroit, profundamente corroída pelo crime. O policial Alex Murphy é assassinado por grupo de criminosos, e subsequentemente é revivido pela OMNI (OCP), como um policial ciborgue sob o codinome de "RoboCop" (Fig. 1), e transformado sem a memória humana, como protótipo de uma série a ser feita, a partir desse experimento. Porém, ele pouco a pouco vai recobrando sua memória e começa a atuar mais por livre arbítrio que pelas ordens expressas em seu programa insurgindo-se contra a corporação corrompida. Há nas temáticas do filme original, uma ironia fina à falácia das mídias, à corrupção na polícia e política, autoritarismo, e mais que tudo, há também a questão filosófica do livre arbítrio na natureza humana e o humano como parte integrante de um ser vivente.

A refilmagem recente de RoboCop (2014) foi dirigida pelo brasileiro José Padilha, cujas ironias foram excluídas, embora algumas premissas tenham se mantido. Nesta versão atualizada, porém, o policial Murphy não morre totalmente e tem implantado em seu cérebro chips de comandos, incluindo sua cabeça, coração e pulmões que sobram e são incorporados na estrutura cibornética atualizada que o transforma num humanóide ciborgue. (Figs. 2, 2a e 3) [...]

Reflexão*

Quando eu assisti o filme "RoboCop" original no cinema, nos idos de 1987, eu tinha meus vinte anos. Era ávido pelos quadrinhos, pelos desenhos, pela índole heróica ativa, séria e a moral ética dos heróis. Os valores estavam sendo inculcados em mim desde a tenra infância, seja porque fui instruído por meus pais, seja porque me eduquei nos seriados, desenhos e filmes que traziam esses fatores (Superdínamo, Ultraseven, Zorro, Spartacus etc), os quais eu abraçava com extremada vontade, inclusive representando-os ao atuar brincando! O mesmo havia nos gibis, e ingressando na minha adolescência fui ter com a filosofia existencial do Surfista Prateado e Capitão Marvel (de Jim Starlin) ou os atos heróicos dos X-Men (sem os exageros e despreparos juvenis dos de agora, espelhando a formação dos atuais e jovens autores). [...]

Fig. 2a- Capa do DVD de RoboCop original. Fonte: arquivo pessoal, 1987.© Orion Pictures Corporation. Todos os direitos reservados).

Fig. 3 - Imagem do RoboCop refilmado). Fonte: <http://tudoparahomens.com.br/o-novo-robocop-ira-honrar-o-l-o-filme-assista-ao-novo-trailer/> © Tudo para Homens. Todos os direitos reservados.



[...] Saliento que apesar de na nova refilmagem de 2014 as explicações quanto ao processamento de integração da inteligência do policial com os chips e os implantes, bem como a discussão filosófica intensa ser bem embasada e profunda, lembrando as diretrizes de “Eu robô” de Asimov, transparece uma melhor coerência conquanto às crises de consciência e de livre arbítrio no filme original, e aqui diversos fatores podem ter contribuído, incluindo o carisma do ator.

Porém, o debate homem-máquina (que é mencionado no trailer, junto com o conceito de ciborgue) requer para um melhor entendimento de tais conceituações uma prévia explicação desses detalhes, aqui fornecida por Isaac Asimov em seu livro “No mundo da Ficção Científica”. Foi nele que li argutas explicações conceituais que esclareceram melhor conquanto a esses termos.

[...]

Conceituando Robocop: andróide, ciborgue, máquina, robô ou que?*

No caso de RoboCop, sendo este um misto de cérebro humano com chips e corpo de metal no formato humano, com base nas explanações acima, posso classificá-lo em várias das categorias explicadas:

- a) Um ciborgue, já que tem suas partes mescladas a material cibernético (mais ainda este segundo Robocop);
- b) Ou um robota (ou robô), mas que tem a forma humanóide;
- c) Ou um andróide que também se torna um Golem (cujo sopro ou encantamento seria atinente à própria consciência desse homem que redesperta aos poucos, como antes de ter sido tornado “monstro artificial” após sofrer o atentado), pois que em realidade tem a essência de um ser humano cujo livre arbítrio é questionável, já que passa a possuir normas programadas na instalação com o chip colocado em seu “hardware” (cérebro), induzindo a que a consciência do homem pense que tem as condições de atuação a seu arbítrio (e que em realidade não o tem). Poder-se-ia fazer tal paralelo aos outros homens comuns, pois que a ciência já identificou que por frações de átimos a mente “atua” uma ação antes de esta se figurar na consciência arbitrária humana (o que quer dizer que o arbítrio, toda maneira, continua não sendo totalmente livre):

Fig. 4: Capa de BioCyberDrama saga.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.
©Todos os direitos reservados.



Experimentos que vêm sendo realizados por cientistas há anos conseguiram mapear a existência de atividade cerebral antes que a pessoa tivesse consciência do que iria fazer. Ou seja, o cérebro já sabia o que seria feito, mas a pessoa ainda não. Seríamos como computadores de carne - e nossa consciência, não mais do que a tela do monitor. Um dos primeiros trabalhos que ajudaram a colocar o livre-arbítrio em suspensão foi realizado em 2008. O psicólogo Benjamin Libet, em um experimento hoje considerado clássico, mostrou que uma região do cérebro envolvida em coordenar a atividade motora apresentava atividade elétrica uma fração de segundos antes dos voluntários tomarem uma decisão – no caso, apertar um botão.”

YARAK, Aretha. O livre-arbítrio não existe, dizem neurocientistas. Neurociência. Veja. 27/02/2012. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/ciencia/o-livre-arbitrio-nao-existe-dizem-neurocientistas>> Acesso em 03/08/2014. [...]

Livre Arbítrio e agrilhoamento *

Aqui se revê a questão da perda da essência humana (ou da liberdade) para a tecnologia fria e racional (RoboCop seguindo diretrizes da OMNI).

Pois vejamos: o ser humano é um animal racional. Mas não só: é também emocional e lúdico, e tem uma personalidade (do latim: persona é máscara e per sonare: falar através de), sendo que por trás da persona está o indivíduo: in-diviso, o que não se divide (átomo, em grego), segundo Rohden, que afirma que o ser humano não só não pode se dividir, como não é separado do Todo Universal. Mas também não é o homem esse “Todo”, sendo pois, parte integrante dele. Para Rohden, o dualismo (cartesiano racional) separou o homem do todo, o panteísmo o identificou como igual, mas o universalismo real expõe que não se é separado, nem se é o todo, sendo a essência humana a que se une a ele. [...]

Fig. 5: Imagem do filme em que se vê na parede ao fundo da sala do dono da OMNI CORP o tríptico de Francis Bacon “Trilogia Oresteia”.

Fonte: <http://www.mikeettner.com/tag/francis-bacon/>

©It,s Mike Ettner’s blog. Todos os direitos reservados.



Considerações meta-humano-tecnológicas*

Como se vê, a intrincada teia de questões envolvendo a natureza quântica humana não é simples de se resolver, e vem à tona com a premissa desse filme de ficção, tanto na versão original como na sua releitura. Porém, um dado fica claro: a transformação do policial para um autômato, via OMNI, e posterior retirada de todo e qualquer resquício de sua memória humana mostra claramente que a tecnologia desenvolvida pelos humanos se sobrepõe a qualquer manutenção de senso humanitário, retirando-lhe as emoções, para fins racionais. E isso pode ser detectado na atualidade real, em que há uma teia tecnológica recobrando a “aldeia global” como diria McLuhan, com a Internet e sistemas outros criados regendo as leis, os códigos digitais e as cobranças eletrônicas etc. Todas essas respondem pelo termo “sistema” (o “sistema” caiu; o “sistema” não permite a transação etc), que mostra claramente a supremacia da tecnologia-golem engolfando com um sopro contrário à vida, a vontade do livre-arbítrio humano, quer seja do eu pequenino junguiano, quer seja do ego, ainda que se levante o Self junguiano ou o Eu de Rohden, que também sucumbem ante o “sistema” kafkaniano atual, em que a tecnologia, uma cria-monstro que toma vida, é imperatriz e se porta como agente-causa de todos os acontecimentos. No filme, Murphy foi assassinado em missão, mas foi revivido pelo sistema e pela tecnologia, porém, retirando-se sua “alma”, seus desejos, seus sentimentos e seu “livre-arbítrio” humano (fosse qual fosse este), para ser-lhe imputado um desígnio prefigurado por outros homens para que ele servisse como um robô asimoviano de feições ciborgues. [...]

Ler artigo (e seus subitens completos) em: :

<https://www.marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario11-20/imaginario15/3-gazyandraus.pdf>



Fig. 6: Capa do livro de Isaac Asimov. Fonte:.

<https://www.estantevirtual.com.br/livros/isaac-asimov/no-mundo-da-ficcao-cientifica/2854585943>

Referências

- ANDRAUS, Gazy. As Histórias em Quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/>
- AVENTURA E FICÇÃO. Edição especial RoboCop. São Paulo: Abril, n. 8, 05/11/87.
- ASIMOV, Isaac. O Vocabulário da Ficção científica. In No mundo da Ficção Científica. São Paulo: Francisco Alves Editora, 1984.
- CAPRA, Fritjof. O Tao da Física. São Paulo: Cultrix, 1990.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (dicionário); BARROSO, Márcio Ellery Girão (software). Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI. Nova Fronteira. Software do dicionário. MGB Informática LTDA. Novembro de 1999.
- FRANCO, Edgar; COUTO, Mozart. BioCyberDrame Saga. Goiânia: UFG, 2013
- GOSWAMI, Amit. A física da alma. São Paulo: Aleph, 2005.
- INFOPÉDIA. Francis Bacon (pintor). Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em <[http://www.infopedia.pt/\\$francis-bacon-\(pintor\);jsessionid=NcA78ytjIW8vr5vblRdJlg__](http://www.infopedia.pt/$francis-bacon-(pintor);jsessionid=NcA78ytjIW8vr5vblRdJlg__)> Acesso em 02/08/2014.
- KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- LOVETT, Jamie. RoboCop Director José Padilha Talks About His Vision For The Film. Comicbook.com. 01/27/2014. Disponível em: <<http://comicbook.com/blog/2014/01/27/robocop-director-jose-padilha-talks-about-his-vision-for-the-film/>> Acesso em 02/08/2014.
- MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2004.
- ROHDEN, Huberto. Entre dois mundos. São Paulo: Alvorada, 1984.
- ROHDEN, Huberto. O homem e o universo. São Paulo: Alvorada, 1982.
- YARAK, Aretha. O livre-arbítrio não existe, dizem neurocientistas. Neurociência. Veja. 27/02/2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/o-livre-arbitrio-nao-existe-dizem-neurocientistas>> Acesso em 03/08/2014.

Fig. 7: Capa da Revista Imaginário #15 que contém este artigo completo.

Fonte:.

<https://www.marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario11-20/imaginario15/imaginario15-online.html>

QRCode
para
Heyzine
(simulação
de revista):

